

DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA

Revista Literária de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO

## Do cavalo a baixo



TÉ POVINHO:

— A carta que tu procuras  
Com o «forfe» liberal  
Ai perdeu-se nas agruras  
Do moderno temporal.

É outra a face do mundo  
Novas ideias florescem...  
(Não tenho rima p'ra «undo»  
Té as ideias falecem!)

Senhor: Já nada valeis  
Na lembrança da nação!  
Pobres cartas são papeis,  
Qu' o tempo deita no chão.



Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

**Continente e Ilhas**

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

**Colónias**

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

**Estrangeiro**

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

# GRANDE CONCURSO DE JULHO

## P I M - P A M - P U M

A que tóda a gente poderá ainda concorrer, segundo o plano do concurso, que dá direito a dois pontos certos a quem começar na segunda semana, que é esta, desde que remeta a barraca da primeira semana juntamente com a da segunda.

### RESULTADOS DA PRIMEIRA SEMANA

#### Com 5 pontos:

Enor de Sá Gomes, Rosa da Purificação dos Santos, Gracinda Queiroz, Libertino, João A. Correia da Silva, Zé Zabumba, António Artur dos Reis, Mário Pereira de Carvalho.

#### Com 4 pontos:

Manuel Monteiro, Guicha, José Tavares Brandão, Adelino Mendes Leal, Albino Teixeira, João Manuel Jardim Aranha, A. Sequeira, Maria Alice, José de Mascarenhas, Rosalina Cunha, Clé, José Loureiro, Miguel Hipólito Rodrigues, Doutor da Lapa (Augusto Daniel), António Alves, Hugo Madureira da Fonseca, O Sol de Asia, J. A. R.

#### Com 3 pontos:

Adriano Emilio Fernandes, Anastácio Rodrigues, A. J. A. R., Arnaldo Dias Teixeira, José Joaquim da Fonseca M., Alfredo Correia de Vasconcelos, José de Brito Nunes, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Jo-é Albertino Nogueira Alves, Manuel Marques Teixeira, Maria Cândida Teixeira, Alfredo Teixeira, Maria de Lourdes Quintanilha, José Rubens Martins, Jaime Lopes Coelho, Daniel Gomes, Egas Manuel Mota Fonseca, Pimpão de Altamira Júnior, Zecas Laimes, Pimpão de Altamira Senior, Angelo da Silva Rodrigues, Manuel Cardoso de Vasconcelos, José Marques 1.º, José Marques 2.º, Zequinha C., Saxies 3.º, Calus, Granada Maneca, Maria da Conceição Afonso da Cruz, Amélia Silva, Augusto Albino Roque, Carolina Barbosa, Zarcas J. C., José Vaz da Silva, João Amador da Rocha, Francisco Fernandes, António Cândido Flores, Legia Banto Oliveira Marques, Elmano Simas, «O Homem que nunca ri», Manuel Rodrigues de Almeida, Burrié, Alvaro Meneses, Aromina.

#### Com 2 pontos:

João Correa Afonso Barbosa, António Pires de Figueiredo, José dos Santos, António Carneiro, Automobisco Moreira, Olívia Rocha, Rafael da Silva Ribeiro, Egidio Costa, Manuel Carlos Gomes Ruiz, J. Ribeiro, José dos Santos Oliveira, Artur Carvalho Júnior, Eduardo Lopes Vieira, Araldina, António Rodrigues da Graça, António C. D. Machado, Judex, Augusto António Soares da Cunha, Diolinda Rosa da Silva, Mário Rito (Cedofeita), Mário Rito (Pôrto), Aida da Conceição, A. Pereira da Silva, Mário Rito (Cedofeita-Pôrto), Arnaldo Lopes, Rosa Branca, Rei Sem Trono, Mário Dolgner, Alfredo Borges, Farn, José Eurico, José Eurico 2.º, Arlindo de Araújo Regalho, Alberto Coelho da Silva, José Ribeiro dos Santos, Manuel Lopes Pereira (Sepol), J. Leite, Cláudio Guimarães dos Santos, Fernando de Freitas Carneiro, J. Leste (Joaquim Teles Júnior), Lutero Lourenço Corrêa, José Marques 3.º, José Marques 4.º, José Marques 5.º, Miss Esfinge, Rei da sorte, Rogério Pereira Braga, Oscar da Silva, Amílcar Almeida de Oliveira, Francisco Aidrac, Raul de Deus Real, Rita Maria Xabregas, Tobias, José Ferreira Ramos, Eugénia Ribeiro dos Santos, Artur Raul de Oliveira Marques, Vitor José, Arsénio (A. Nunes Pereira), E. A. de Sousa, Manuel Simões de Figueiredo, Manuel Duarte Ramos, Anferre Esporão, Mar-Morto, Filomena Dias Mateus, João de Ataíde e Melo, Armindo Alpoim e Meneses.

#### Com 1 ponto:

Medeiros Martelo, Malaquias Eufégio da Costa, «Um ponto da botica», Manuel Carlos Maia, José de Sousa Marques, Júlio César de Oliveira, Eduardo Rodrigues, J. Rodrigues da Silva, José Rodrigues Salazar, António Ribeiro Júnior, Amélia Pinto, Augusto Ferreira Gomes, Armando Guedes Corvelo, Orlando Lopes Fiel, Delfim de Freitas, Maria de Jesus, José Carlos de Almeida, Manuel de Brito, Mário Rito (Pôrto), Mário Rito (Cedofeita), Emilia Gonçalves, Menino

Manuel Júlio Teixeira, Luis Roseiro, Albino de Almeida, Francisco de Oliveira Charneira, José Alves Pinheiro, Manuel Tino, Luciano da Rocha, Manuel Garcia de Oliveira, Fernando Coelho da Silva, Joaquim Ferreira da Silva, Armando Carvalho, Napolpa, Dolrano, A. Sampaio, Evaristo Augusto de Oliveira, «Tailleur 1.º», José Amadeu Martins de Lima, José Marquês, Sécoalhe, Conde da Palmeira, Manuel A. Teixeira (Bmano XX), Fra Dick, Henrique Augusto Cruz, Maria Olinda, Fé, Paulo Mendes, Manuel Mesquita, José Manuel de Oliveira dos Santos, Amélia da Silva, António Soares de Sousa, António Alves, José Cura de Sousa Correia, Zeca do Olho Preto, Henrique C. S. Martins, Alvaro Moreira, «Sempre Fixe», «Ritório», Joaquim Ferreira Fontinha, Mais Além, M. de Bovary, António C. Portugal Moreira Tavares, António Vicente da Rocha, José Baltasar Teixeira, Seb. Martins, Maria Augusta Plácido Santos.

**Concorrentes que obtiveram 5 pontos e uma pancada no sempre em Pé — igual a 2 pontos:** António Ribeiro da Silva, Fúlio Barrote, Anil Ocêrema.

**Concorrentes que obtiveram 4 pontos e uma pancada no sempre em Pé — igual a 2 pontos:** António Mendes, Zé, Zecas, Zecis.

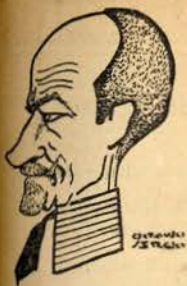
**Concorrentes que obtiveram 3 pontos e uma pancada no sempre em Pé — igual a 1 ponto:** Eduardo da Silva Redondo, Laurindo Gomes da Silva, Joaquim Quedes de Sousa Nazério Patrício, Alberto Gomes, O Terceiro, José Manuel Moreira, Maria Rosa Plácido Santos, Francisco Oldemiro Novais Carneiro (Dir).

**Concorrentes que mandaram a barraca incompleta pois só atiraram 6 bolas:** Duarte Arnaldo Pereira de Brito, Alvaro de Castro Loureiro Pinto dos Santos, António da Fonseca Soares Júnior.

N. B. — Estes senhores últimos serão considerados como entrando na 2.ª semana, mas por isso terão que enviar uma nova barraca em branco da 1.ª semana e ser-lhes-ão arbitrados 2 pontos.

Ver o plano do CONCURSO nos n.ºs 10 e 11 da MARIA RITA





# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Eram dois abutres — mãe e filho — que moravam numa furna da serra de Monsanto, sobranceira a Lisboa.

Passavam fome. De antes, nos velhos tempos da vida barata, bastava-lhes descerem sobre as dependências do Matadouro para fazerem as suas refeições. Encontravam sempre pedaços de gordura, aparas de vianda, uma ou outra apetitosa fressura. Mas as subsistências encareceram, a carne pôs-se pela hora da morte, e os magafres começaram de aproveitar tudo, incluindo os rebotalhos de difícil deglutição.

Para cúmulo de calamidade, havia muito tempo que não eclodiam revoluções. Na época em que elas eram periódicas — uma por mês como as fases da lua — já contavam os carnívoros voláteis com a certeza de um dia em que irrassem o ventre de misérias. Ao romper da alvorada — pum-pum-pum! — três tiros no Tejo. Era o começo da funçanata. Crepitava depois a fusilaria, como o sal no lume, enquanto o sol corrilhasse no azul. Ao cerrar da noite, suspendiam-se as hostilidades. E era então a vez dos dois abutres, que largavam lá do alto, e em velleios largos desciam sobre a Rotunda, onde encontravam sempre, nos cadáveres estatelados na relva, um esplêndido jantar.

Tudo que é bom, porém, tem um termo. As revoluções acabaram, como acabaram os desperdícios do Matadouro. Os pobres abutres tombaram na miséria, — tanto mais intensa quanto o abutre-mãe, tocado pela velhice, se movia já pesadamente. Inúteis, as asas cuja envergadura sobre o sustinha outrora no espaço. Saía o filho todas as manhãs à procura do cibato, para ele e para a velha. Mas regressava quasi sempre com as garras vazias. E se alguma coisa conseguia acompanhar, — fraco manjar era esse: peles, ossos, qualquer pedaço de aponevrose intragável e indigesta.

Para mais, as revoluções tinham *gaté* o matar das duas aves. Cada qual tem os seus bens. O abutre-filho, depois que provara corações humanos, difficilmente podia suportar outra vida. A predilecção da mãe era miolos. Habi-se a vasar os olhos dos mortos, e a extrair do canal das órbitas o recheio do crânio. Como estava doente, com uma falta enorme de apetite, dizia ao filho de hora em hora:

— Se me arranjasses uns miolinhos, morria consolada!

Ora, certo dia, notaram os dois, do alto da sua lapa, que em Lisboa se passava algo de extraordinário. Era uma epidemia, trazida por não sei que vapor oriundo do Levante. Estavam na cama dezenas de milhares de cidadãos, que morriam às centenas, sendo com dificuldade retirados dos seus domicílios. Outros tombavam súbitamente em plena rua, dando a alma ao Criador dentro de minutos. E para ali ficavam muito tempo, porque os serviços de assistência, com tanto que fazer, andavam inteiramente desorganizados.

E então a velha disse ao abutre mais novo:

— Passou a nossa crise económica, meu filho. Vai à cidade, enche a barriga, e não te esqueças da tua pobre mãe.

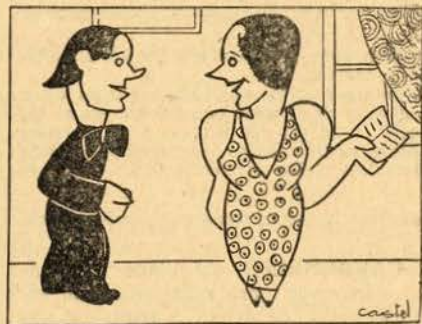
O abutre partiu. Andou por lá todo o dia. Já a sua progenitora receava que lhe tivesse acontecido alguma desgraça, quando elle apareceu.

Vinha triste, de asa um pouco caída, sustentando nas garras um pedaço de carne.

— Mãe! — disse elle. — Não consegui satisfazer o meu apetite. Como sabes, o meu manjar predilecto é coração. Pois abri o peito a dezenas de mulheres, e não consegui encontrar a víscera que mais estimo.

A velha esboçou um gesto desdenhoso.

### O Poeta



Ela — *Este seu livro de versos é admirável!*

Ele — *Muito obrigado!*

Ela — *Admira realmente que v. se atreva a publicar sonetos só com 14 versos!*

— Bem se vê que tens pouca experiência da vida! Hoje em dia, meu filho, qual é a mulher que tem coração? Procurasse-lo nos homens.

— Assim fiz. Mas, depois de ter desarticulado as costelas a uma porção de elles, só encontrei isto que trago.

O abutre-mãe abriu a víscera que o filho lhe apresentava e comentou:

— Um estômago... As mulheres deitaram fora o coração, e os homens substituíram-no pelo estômago. Andas infeliz, meu filho!

Depois, com uma pitada de despeito:

— E nem sequer te lembraste de que eu gosto tanto de miolos!

— Lembrei, minha mãe. Mas parece que a anatomia humana mudou. Encontrei dois homens estendidos lado a lado. Devassei-lhes o crânio. Estava vazio.

— O quê? Não tinham miolos?

— Não tinham miolos.

A velha concentrou-se um instante, e perguntou:

— Em que rua foi isso?

— Na rua do Arco a Jesus.

— E vestiam à paizana?

— Envergavam uma farda preta, com palmas verdes bordadas.

Ressouo na gruta uma casquinada de riso.

— Estúpido! Eram dois sócios da Academia das Ciências!

E logo:

— Tem paciência, meu filho! Torna à cidade. Apesar de estarmos num país falho de juízo, ainda há muitas pessoas com miolos. Mas não as procures por esse lado!

Marcial JORDÃO.

### Muita gente julga que o PINTO Camiseiro

faz só camisas bem feitas. Mas a verdade é que elle faz de tudo o que diz respeito a camisaria:  
**ATÉ BONS PREÇOS.**



# PASSEIO ALEGRE

Ali é que a porca torce o rabo

Flor del Campo, tinha o enormíssimo predicado de ter nascido espanhola. Mas era uma daquelas espanholas que a gente, ao vê-la, tinha de dizer caramba! nem que fôsse ceguinho de nascença. Além disso rica e viúva! Eu bem sei que se não fôsse a segunda também não era a primeira coisa.

Mas, deixemos as divagações e vamos cá ao caso.

Como veem, Flor del Campo, tinha três predicados que cabiam todos numa só oração: venha a nós; e que deixam ficar a gente mais boquiaberto do que boquifechado.

Casou nova, o que de ordinário acontece a tôdas as viúvas que podem pedir chave pela passagem do estabelecimento.

Do primeiro marido — primeiro e único até à data, graças a Deus — herdara além do pseudónimo de viúva, que lhe ficava a matar, uma belíssima quinta que melhor se poderia chamar uma Arca de Noé, tantas eram as espécies de animais nela criados. Os criados também eram animais, salve-os Deus!

Entre outros lembra-nos ter visto: formigas, baratas, percevejos caros, piolhos na costura das couves, traça nas galinhas, e uma belíssima porca que é afinal à volta dela que gira o entrecho desta história. E' que esta porca era das tais que quando torcia o rabo ninguém percebia patavina.

Ora a nossa heroína, Flor de Campo como disse, nunca em vida do espôso se interessara pelos amanhos da quinta, nem se importara de saber se tinha boa ou má criação.

Mas depois que o viu partir, levado

nos braços da nauseabunda Parca, limpou os olhos, pôs um chapéu grande na cabeça e começou a reparar na porca, que nesta altura já tinha o rabo mais torcido do que um nariz de reverificador de alfândega.

Várias vezes então correu a quinta, tão engalanada de rosas e buxos e junquinhos, que deixava de ser uma quinta para ser um Domingo.

Depois pegou de interessar-se pelas outras espécies de cultura, especialmente pela cultura física e pela puericultura. E neste propósito a vamos encontrar uma manhã, cercando o 'jardineiro... de perguntas.

Estava êle entretidíssimo a plantar uma arvorezita, quando Flor del Campo se lhe aproximou dizendo:

— Que linda arvorezita que você está semeando...

O homem desbarretou-se humildemente e disse:

— Saiba V. Senhoria que não estou semeando.

— Ai não? tornou ela admirada.

— Não, minha senhora; estou plantando com sua licença.

— E dará maçãs algum dia?...

— Saiba a Senhora que não. Talvez nunca dê maçãs.

— Mas então para que tanto trabalho, tanto cuidado em semeá-la, se nunca há-de dar maçãs?...

— E' porque, minha senhora, eu estou plantando um pessegueiro.

E aqui é que a porca torce o rabo.

Flor del Campo teve uma conjuntivite. Morreu disso 70 anos depois.

J. d'A.

## Revista Semanal

Sempre do conspícuo *Diário de Notícias*. No número de segunda-feira lia-se o seguinte anúncio:

«Vaca turina

PARIDA em 26 de Junho. 1.ª barriga, bonito aparelho. Vende Joaquim Baptista — Dois Portos.»

Nós não queremos dizer que não esteja muito certo. Mas como não percebemos nada da vida das vacas turinas, fazemos daqui um apêlo aos srs. drs. veterinários que nos digam por favor o seguinte:

Primeiro — Quantas barrigas pode ter uma vaca, mesmo turina que seja.

Segundo — O que vem a ser um aparelho bonito numa vaca?

Será por acaso aquela bifurcação em forma de guiador de bicicleta que elas trazem na cabeça?!... Se não fôr isto, só o sr. Joaquim Baptista, de Dois Portos nos poderá informar da beleza do aparelho da referida vaca.

CAVALHEIRO, de idade respeitável, oferece-se para companhia de senhora viúva de trinta a trinta-e-cinco anos e com meios de fortuna e casa posta com todo o conforto moderno.

DÁ-SE um menino de 16 anos, a quem o tratar bem, por falta de meios. Sabe muito bem o francês.

# Rés-do-chão

Balancete da Semana

Quando o Sol nasce é para todos, — diz-se. Rematada tolice e estulta opinião; pois, na tourada que com meus nervos bole, nasce p'ra uns o Sol e p'ra outros a Sombra abençoada... Mas como muito mal distribuido 'stá o oiro na Terra, — é natural que o do Céu, — que não há um outro igual, segundo tenho lido, — não bata à porta dos que nada tem. ... Se o Bolchevismo sobe ao Céu também, — vem aí Sol a ródos, que chega para todos...

Entre os do Pôrto e os de Belém, travou-se combate singular, e o burgo, 'stão a ver!, despoovoo-se para vê los jogar...

Nunca a cidade dos doutores, viu tamanha multidão gritando, niivando, em louca animação, e palmeando a fio daquele encontro os lances principais... O Homem é o rei dos animais!

Voltou a abrir o «Passos». — Parabens.

Andava por aí tanta Lili, Mimi, Gigi, Fifi coitadas! sem vintém, que é justa, agora, esta compensação... Caminhava, talvez, para a falência um punhado de jovens. — E vossência se ainda tem coração, deve rejubilar vendo o «Passos» abrir, de par em par, as portas, outra vez...

Foi lá que eu vi, p'la vez primeira, aquela encantadora Inês que me fêz ir um ano p'ra Vizela...

Frei-SATAN.



— E então porque é que o Aginho tem assim um desgosto tão profundo.

— Porque gastou metade da vida a aprender línguas, e agora a mulher não o deixa dizer palavra.



# Arte de bem redigir

Do correspondente do *Jornal de Notícias* em Vizela:

«VIZELA, 30. — O tempo magnífico que vem fazendo, começa a trazer a estas terras uma multidão de aquistas. Em todos os comboios tem chegado grande numero de pessoas. Os hotéis que, no mez passado, registaram bastantes saídas, estão novamente em reboliço, havendo já grande animação nos salões de baile, etc.

Seja-nos permitido fazer umas referencias á direcção da Companhia dos Banhos de Vizela, nas pessoas dos srs. capitão Antonio de Freitas Torres, José R. Moreira de Sá e Melo e José Leite da Costa Faria, e em especial, ao seu ilustre director clinico, sr. dr. Alfredo Pinto, pela sua acção junto da Companhia, por ter conseguido tão grande melhoramento para o balneario destas terras.»

Embora a linguagem do jornalista provinciano seja absolutamente castiça, e de uma sintaxe rigorosa, não se compreende bem qual o melhoramento obtido pela direcção da Companhia e em especial pelo sr. Dr. Alfredo Pinto. Será o tempo magnífico? A chegada de muitas pessoas nos comboios? A grande animação dos salões de baile? Deve ser o tempo magnífico, visto que estas duas últimas coisas são consequência daquela.

Temos, pois, a direcção dos Banhos de Vizela, mais o sr. Dr. Alfredo Pinto, dispondo, como Júpiter olimpico, do bom e do mau tempo. Chove a potes, o que prejudica os favais e as hortaliças? Logo aqueles estimáveis cavalheiros actuam junto da Companhia, — e eis que as nuvens se afastam e o sol brilha em toda a sua magnificência. Rainha forte estiagem há muitos meses? Secam à mingua da rega os nabos e os ameiros? Os directores do Estabelecimento fazem um gesto, — e apanham todos uma molha real, antes de terem tido tempo para abrir o guarda-chuva.

Simplesmente admirável!

Mas o conspícuo correspondente prossegue:

«Num dos gabinetes deste suntuoso balneario foi feita a instalação de duchas sub-aquáticas, que consta do seguinte:

Gabinete de Fisioterapia com diatermia, raios ultra-violetas, massagens vibratorias, banhos hidro-electricos, correntes galvanicas, farádicas e galvanofarádicas.

Esta instalação é modelar e, sem desprimor para ninguém, é a melhor instalação de Diatermia do paiz. — (C.)»

Deve ser, de facto, uma coisa extraordinária! Duchas sub-aquáticas, com diatermia, raios ultra-violetas, massagens, correntes galvânicas, farádicas e galvanofarádicas, tudo de cambu-

lhada e simultaneamente, é coisa única, sem dúvida, em Portugal e no estrangeiro. Só nos assombra que um pobre organismo humano possa com tanta coisa ao mesmo tempo.

E ainda o correspondente, numa modestia que é também modelar, declara que afirma aquilo «sem desprimor para ninguém».

Ora essa! A vontade! Pela parte que nos toca, não nos melindra em coisa alguma. Nunca os redactores da MARIA RITA possuiram uma instalação assim. Os nossos duches sub-aquáticos são tudo quanto há de mais simples. Nem raios nem correntes. Uma pobre mangueira vulgar de Linneu. Quanto muito, no fim, — meia dúzia de maçagens vibratorias.

## Agora o «Notícias da Covilhã»

«Pelas 17 horas de domingo uma fortíssima trovoadra pairou sobre esta região.

Na Serra da Estrela, a saraiva chegou a cobrir o sólo, e partiu, em virtude do tamanho, algumas carabotas de vidro.

O espectáculo ofereceu um aspecto de maravilha horrível, de apoteóse de cataclismo, temeroso e desconcertante.

Enquanto, por um lado, a cena se desenrolava num assombro de belesa horrível, por outro a sensibilidade contorcía-se em paroxismos de terror.

Depois de afastada a cloaca medonha que vomitava turbilhões de agua e saraiva, raios faiscentes e ribombos atroadores, pudémos observar o atoleiro a que ficára reduzida a parte atingida do vale do Zêzere.»

Ficamos sabendo, pela primeira parte desta *coupure*, que na Serra da Estrela as clarabóias são de vidro e que a saraiva as parte em virtude do tamanho.

Mas o que mais nos admira, no artiguito em questão, é o extraordinário poder descritivo do seu autor. A gente está a ver aquela belesa horrível, a apoteose de cataclismo, a sensibilidade a contorcer-se em paroxismos de terror.

O que se não compreende bem é qual o lado em que a cena se desenrolava. A frente, ou atrás? E' de crer, porém, que a cena se desenrolasse à frente, enquanto a sensibilidade se contorcía atrás.

Todavia, o grande assombro, nosso e do jornalista, é aquela cloaca erguida nos ares e vomitando cá para baixo, etc. Ainda bem que o caso se passou na serra. Imaginem que a cloaca aérea se lembrava de visitar esse dia o Pôrto, e se instalava sobranceira ao campo desportivo do Ameal. Estão a ver o estado em que ficaríamos, e o aroma que exalaríamos, os quinze mil assistentes ao desafio de *foot-ball*?

Livra! O' senhores! Pois não bastavam já os pardais?

tica masculina lhe enche a pupila, — a carne não pode descer até ao estado cadavérico de fio de prumo ou moncosidade peruviana.

De resto, a subida da carne é um alívio para a fruta...

Os moradores do Largo da Maternidade queixam-se contra «uma senhora que tem entupidas as fossas, com perigo para a saúde dos vizinhos».

Perdão, — mas não seria esse facto que levou a referida senhora a optar pela Maternidade, em vez de ir para o Bom Sucesso ou Boa Hora?

O Pôrto tem sido visitado ultimamente por várias testas coroadas do sexo flexuoso. E porque são Rainhas de Beleza, os democratas engo-

lem o republicanismo que o Supremo Arquitecto lhes deu — e dobram a espinha, vencidos mas não convencidos...

Dona Amélia, Princesa da Colónia Brasileira, já se foi. Dona Leopoldina, Rainha da dita, não tarda a fazer o mesmo.

Da sua visita à nossa terra, levam muitas saudades... e algumas pisadelas nos calos...

No «Rivoli» — harem do nosso querido amigo Pires Fernandes, sem números visíveis a olho nu — exhibe-se actualmente a *História do Fado*.

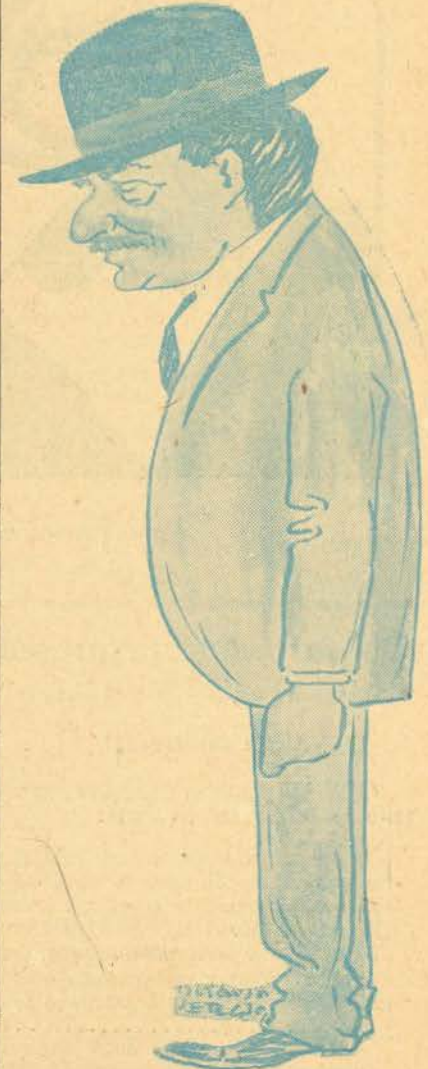
...Desnecessário se torna dizer que a peça trata dum Empresário a quem todos fazem um *fadinho* e que passa um *fadário* para não ser *batido*, limitando-se a ser *corrido*...

O homem é o bicho mais infeliz da criação. Enquanto os outros animais se regalam na liberdade, êle cria as grielhetas da civilização.

## PERFIS DO PORTO

XII

FRANCISCO BORGES



Uma das metades da firma Borges & Irmão.



## Várias coisas & algumas loisas

A carne vai subir? — Parece que sim. Pelo menos assim o afirma a Associação de Classe dos Comerciantes de Carnes do Pôrto, — entidade que, nesta e noutras questões de «chicha» escreve cartas.

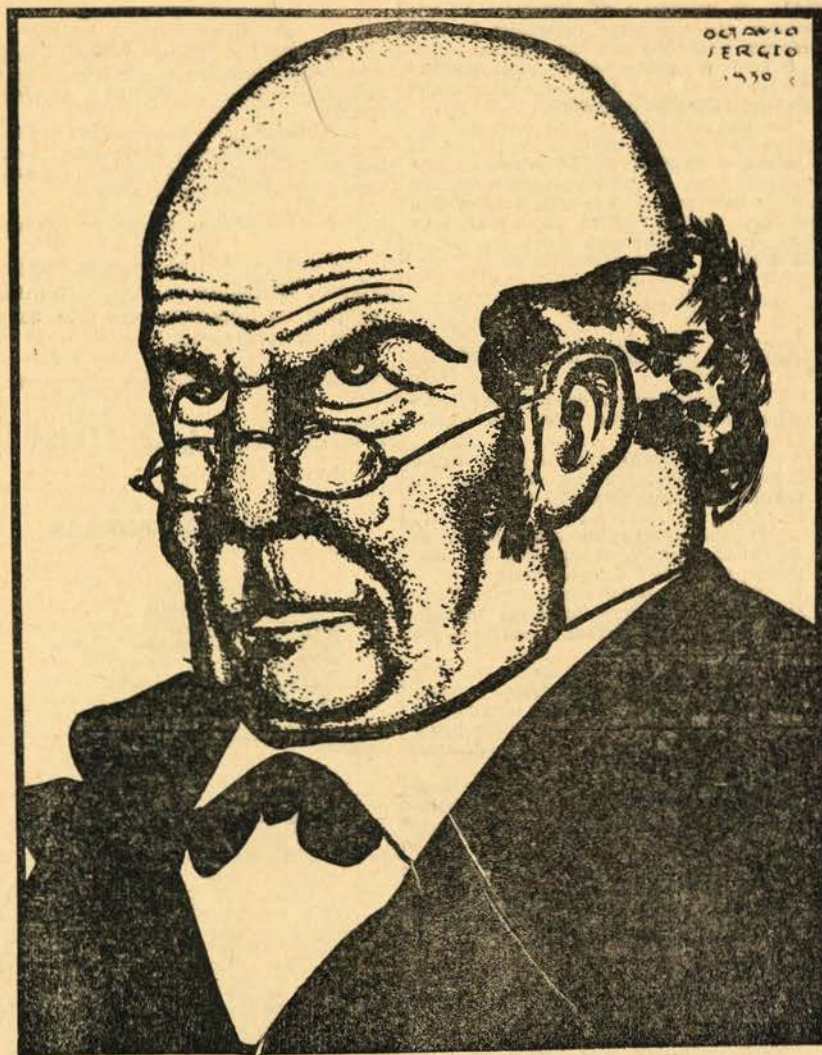
A carne vai subir? Tanto melhor. Na época que vamos atravessando, em que a cinefilia impera e se saracoteia toda quando uma plás-



# A VIDA E A MORTE

XII

## A MOCIDADE



*No meu tempo havia mais mocidade!*

*Nota do caricaturista — Assim pensam todos os velhos.*

### Os jornais burgueses e o "Paraíso Soviético"

#### Alerta camaradas!

O *Século* publicou o seguinte, transcrito do *Le Journal*, de Paris:

*« A despeito do cuidado com que o govêrno de Moscovo procura disfarçar a verdade e manter a lenda do paraíso soviético, é absolutamente certo que o descontentamento dos operários e camponeses russos, contra a ditadura de Estalín, cresce dia a dia.*

*..... Assim, numa das suas últimas reuniões, o Sr. Kaganovitch, teve uma violenta discussão com o Sr. Molotov, a quem acusou de ati-*

*rar os operários contra o regímen. O nome do Sr. Kaganovitch é para reter.*

*..... »*

E continuando a transcrição, o *Século* diz que é muito provável que o Sr. Kaganovitch venha a ser o sucessor de Estalín!

Alerta camaradas!

Esta coisa de meter o Kaganovitch nos soviets, deve ser manobra da burguesia.

O mais bonito é *Le Journal* aconselhar a reter o Kaganovitch!

A gente, às vezes, quer reter um nome desses e não pode!

Amigos bolchevistas: Unamos fileiras contra o Kaganovitch!

E' o raio dum nome que cheira mal a quinhentas léguas de distância! ..

## Os mistérios da C. P.

### ou os combóios mistério

Agora, sim!

Imprevisto, originalidade, «frisson». Caminhos de ferro grandguinholenses que deslizam pelas vias duplas, pelas vias competentes e pelas vias e até irem desaguar na incógnita absolutamente X do terminus da viagem.

Até aqui os combóios serviam a gente ir aonde queria.

Agora, não. Como já ninguém utiliza para ir a qualquer parte, oferecem-se para nos levarem aonde a gente não quer ir.

E' um assombro!

A nova administração da C. P., da qual fazem parte os conhecidos engenheiros Arsénio Lupin, Conan Doyle e Skerlock Holmes, — tem recebido citações de toda a parte do mundo pela original iniciativa. Original e económica, 800 quilómetros em combóio auto-car, com almoços, jantares e outras coisas boas em bons hotéis!

Um ôvo por um real!

Se nós tivermos necessidade de ir a Lisboa, custa-nos um bilhete de ida e volta (percurso de 700 quilómetros) Escudos 220\$00, em 1.ª classe.

Mas se nós não precisarmos de ir a parte nenhuma, podemos andar 800 quilómetros com cama e rufadeira, durante 2 dias, por Escudos 200\$00, na mesma 1.ª classe!!!

Que mais querem estes má-línguas que nunca estão contentes?

\*

Os nossos queridos leitores, imaginam lá as surpresas que podem trazer estes «mistérios» movidos a cartuchos.

Ora calculem isto, por exemplo:

A gente regressa ao Pôrto na sexta-feira, depois de termos percorrido em viagem de recreio, Leiria, Alcobça, Caldas da Rainha, Mafra, etc.

No dia imediato, sábado, para termos a vontade à mulher metem-nos os dois no tal «mistério», para termos a sensação do imprevisto, a sensação das alturas de Coimbra, recebendo a agradável notícia que vamos a Leiria, Alcobça, Caldas da Rainha, Mafra, etc...

Os senhores querem surpresas deliciosas?

NAS

### Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO

todos os artigos  
teem um cunho  
parisiense inexcédível

12

### AUX GALERIES LAFAYETTE



# DE ARRIPPIAR OS CABELOS

## História trágica de dois gémeos que amaram a mesma mulher

I

Vieram a este mundo à mesma hora, na mesma cidade, no mesmo prédio, do mesmo pai e do mesmíssimo ventre. Não admira, portanto, que lhes chamassem gémeos, — alcunha porque são conhecidos os filhos naturais das mesmas entranhas.

O pai, — amaneuse na situação de adido na extinta Repartição das Subsistências, — ao pressentir a entrada neste vale de lacriméjancias dum rebento em duplicado, como os documentos burocráticos, esbugalhou os olhos, digeriu as amígdalas e faleceu sem dizer «água vai». Daí proveio aos pequenos o cognome de filhos quási pós-tumos, qualidade que, mais tarde, os ajudou a vencer na retorcida vida...

E, após este notabilíssimo facto na existência do falecido, nada mais o arrancou a um mutismo possivelmente eterno...

II

Eram tão iguais, tão parecidos, tão semelhantes, tão estruturalmente gémeos, que a mãe teve receio de trocar os miúdos — e conduziu-os ao baptistério, numerados, verbetados e catalogados. Mais tarde, porém, — com o dobar dos anos e o despontar do sistema capilar, — tornou-se fácil distinguir o Pedro do João, por um sinal particular e intransmissível que aquele possuía na perna esquerda, dois centímetros acima da rótula.

O demónio era que, para provarem a sua identidade, ambos tinham de se descompor, — sendo várias vezes presos na Repartição de Finanças, no Correio Geral e em casa das respectivas namoradas...

III

Um dia — tinham eles vinte-e-seis floridas primaveras — encontraram-se no patamar duma escada que conduzia a um local impuro. E entre os dois gémeos destravou-se o seguinte diálogo, que, por absoluta falta de espaço, damos na íntegra:

— A tua presença nesta casa é desnecessária, para não dizer inoportuna!

— E a tua é inconveniente e censurável!

— Perdão. E' que nesta casa vive a mulher que eu amo.

— Já o sabia, mano. E' a mulher que me ama.

— Na vida duma mulher, há sempre um homem que passa. E esse homem sou eu!

— Enganas-te, irmão. Esse homem somos nós!

— Sou eu!

— Porque não hei-de ser eu?

Avançaram um para o outro, como duas locomotivas com o freio automático nos dentes. Mas a fraternidade que os unia desde o ventre materno fê-los reconsiderar.

— E se nós interrogássemos a interessada?

IV

Apertada com perguntas, a pobre vítima dos instintos bestiais dos gémeos teve um gesto.

— Só posso amar um. E', portanto, apenas um de vós que eu quero. Qual? Não sei. A minha adoração confunde-vos — e como hei-de distinguir-vos, se a vossa alma, como os vossos hábitos, são iguais?

Investiram para a jovem, com os cabelos em desalinho e intenções criminosas. Ela, porém, conteve os com um volver de olhos.

— Não. Um só, ou nenhum!

Alucinados, Pedro e João rebolaram pelos degraus da escada; e meia hora depois, um tiro de pistola soava. Um dos gémeos tinha-se sacrificado pela felicidade do irmão...

V

... Como o seu amante é casto e não pratica o nudismo, — ainda hoje a juvenil senhora ignora se vive de casa e pucarinho com o suicida ou com o que continua vivo.

Conde ZEBEDEU.



## A MARIA RITA e o Combóio-Mistério

Para onde vai o combóio que saíu hoje de S. Bento?

A esta nossa pergunta ferro-viária responderam centenas de leitores, indicando os mais variados percursos, desde o Algarve ao Minho e desde Fornos de Algodres a Pico de Regalados.

Quais serão os felizes que acertaram e vão abichar uma assinatura de borla da nossa MARIA RITA?

Já poucas horas faltam para que o mistério se desvende.

No próximo número indicaremos os nomes dos leitores que adivinharam e que passam imediatamente a receber o nosso jornal.

## PORTUGAL FORA

**PENAFIEL, 20 — O calor** — Chegou finalmente este grande amigo dos que gostam de se refrescar... Já houve diversos casos de *insolação*. O que mais foi lamentado foi o infeliz ciclista de Canelas que morreu com um tiro... numa perna. Não admira foi às escuras!

Tudo isto está a precisar de refrescadelas. **Melhoramento** — O pósto receptor experimental desta cidade deve por estes próximos meses passar a pronto. No dia da inauguração haverá festa rija e será inaugurado o último modelo de receptor, que será adquirido a prestações anuais e cujo pagamento terminará no ano de 2043. Até que emim.

Na rede dos receptores estava o referido e benemérito Club registado com as iniciais — *Morcego*. Recebia tódas as ondas, todos os sócios eram auditores, não existindo locutor, por não ser necessário, visto que o aparelho só recebe. Por isso vão meter um cobrador.

**As prestações** — Vai, dentro em breve, formar-se uma complicada sociedade que terá por fim conseguir para os sócios todos os artigos, sejam eles quais forem, a prestações, com ou sem *Bonus*.

O seu presidente, como experiência, já adquiriu os seguintes objectos:

Um par de ceroulas; um copo de água (fora a pianha); um casal de perus; uma gaiola para grilos; um pavão; fechou também contrato para o fornecimento de uma senha para um banquete.

**Visita** — Vimos nesta cidade, acompanhando pelos directores dos diários locais, sua Ex.<sup>a</sup> *O Senhor Roubado*. Fêz importantes declarações à imprensa, no momento da partida, declarações essas que a referida imprensa não reproduziu, em virtude da simpatia que gozavam aqui os interessados. Mas, nós, sempre independentes, vamos torná-las públicas, como prometemos.

Sua Ex.<sup>a</sup> *O Senhor Roubado*, declarou, desgostosíssimo, não mais cá voltar, em virtude dos maus tratos que recebeu dum grupo local, durante duas noites; da última vez, trataram-no de tal forma que o puseram em verdadeiras Chagas, tendo por fim desfeito a Raquete!

As autoridades investigam, parecendo porém que os autores de semelhante atentado não fizeram aquilo por mal.

**Representação** — Um grupo local levou à cena uma interessante comédia, cujo desempenho foi verdadeiramente assombroso!

Durante a representação da peça, a assistência sugeriu, e com justíssima razão, que dois dos personagens que entravam em cena fossem substituídos por quem, melhores que eles, soubesse o papel. Sugeriram dois nomes e que eram: o Palma a substituir pelo Martins, o Henriquinho idem pelo Luisinho Quer Casar... Para futuro será conveniente escolher melhor, desde que haja aonde...

**Rectificação** — Somos informados à última hora de que o clube local resolveu continuar em experiências em virtude da entrada no mercado de mais uns trinta receptores de marcas novas. Lamentamos.

**Assassinio** — *O Senhor Roubado* foi assassinado no último domingo. O grupo autor do assassinio foi chefiado por um tal Passinhos, colega do assassinado.

Esperamos as mais enérgicas providências para que tais factos se não repitam.

A S. P. A., pede providências, repelindo qualquer convivência.

Mario RITO.

## ANÚNCIO

**MENINA** prendada, oferece-se para dama de companhia de cavalheiro de idade madura, possuidor de grande fortuna para que ella possa frequentar os «salões de chá» e dar à perna em tódas as festas de caridade.

Dão-se e exigem-se referências.



# Exposição Nacional da Criança

## O mostuário MARIA RITA



Dr. Gomes Teixeira

Vai abrir a Exposição da Criança, — ideia admirável num país onde todos, afinal, temos um pouco de isso. O nosso jornal, compreendendo o grande alcance de esse simpático certame, não podia deixar de concorrer. Infelizmente, a MARIA RITA já não tem filhos pequenos. Se não, como se diz na cantiga, «por força que havia de cantar». Mas, se não possui filhos pequenos, tem primos de essa estatura, qualquer de eles tendo a cabeça, em média, cinqüenta centímetros acima do zero hidrográfico.

Eis os infantes suavíssimos que vamos submeter ao exame e apreciação do respeitável público.

### Dr. Santos Silva

Hors concours, por fazer parte do júri... do liceu Alexandre Herculano.

Concorram ao grandioso concurso de

# PIM-PAM-PUM

Ver resultados e condições nas 2.<sup>a</sup> e 16.<sup>a</sup> páginas.

Mignon e moreno, mas formoso, como a Sulamita. Um amor de criança. Mede no Pôrto, de tacões à Luís xv, 57 centímetros, e 42 em Penaguião, de saltos à prateleira. Usa escada *Magirus* para dar injecções aos clientes do sexo masculino, e hidro-avião Do-X para os do sexo fraco.

Quando foi ministro, tornou-se tão simpático, que todos os directores gerais o traziam ao colo. Foi por esta altura que lhe nasceram dois dentes. Do siso? Não. Esse fenómeno só sucederá quando ele abandonar a política. Eram as *agulhas...* de platina iridada.

Divisa: — *Liberdade, ou morte!*

### Jaime Cirne

Fora do concurso, também, porque concurso é coisa que ele nunca fêz, nem mesmo para entrar no corpo docente da Escola Normal.

Foi normalíssima, e predestinada, a sua infância. Aos seis meses percorria a pé tôdas as viridentes veredas das Caldas de Aregos. Aos quinze meses, falava... nos comícios. Entretinha dias inteiros com uma tesoura, a recortar periódicos.

— O meu filho há-de ser modisto



Dr. Santos Silva

— dizia a mãe — e fazer moldes para vestidos de senhoras.

Mas o padrinho, tendo notado que ele punha a sua assinatura em todos os pedaços que recortava, obtemperou:

— Engano! O que ele há-de ser, é jornalista!

E o pai aprovou, porque o pequeno tinha nascido com um «Dicionário Larousse» numa das mãos, e um «Almanaque de Lembranças» na outra.

Divisa: — *Je prends mon bien où je le trouve.*

### Dr. Armindo de Moraes

Também muito galante. No Hotel Continental, hospeda nova que chegue fica-se a contemplá-lo e a dizer lá consigo:

— Que formoso petiz!

Algumas pelam-se por trazê-lo ao colo e beijá-lo em ambas as faces. Mas não fazem farinha com ele. A única farinha que ele aceita de bom grado é a Láctea, de Nestlé.

Uma noite que lá no hotel houve um rebate falso de incêndio, a criada do 2.<sup>o</sup> andar, que tinha um Menino-Jesus em grande estimação, tomou a imagem nos braços, embrulhou-a no avental, e deitou a correr para a rua com ela. A alturas tantas, notou que a imagem se mexia, e desatou a gritar: — «Milagre!» Afinal, reconheceu-se que não era maravilha nenhuma. A criada é que, por engano, pegara no hóspede.

E quando o Dr. Armindo surgiu de entre o avental a berrar como um possesso, houve quem aventusse:

— Coitadinho! Tem fome! Se houvesse por aí alguma mulher que lhe desse uma chucha!

Divisa: — *Se vivo num hotel, é porque não há creches que me sirvam.*

### Escultor Silva Gouveia

Chega a gente a não saber onde ele encontra espaço para meter o seu talento artístico.

E' poeta, pintor e escultor.

De uma vez, em Paris, foi à administração de uma revista em que trabalhava, entregar a sua colaboração. A empregada mediu-o de alto a baixo — mediu-o, é força de expressão — e perguntou:

— Isso que é?

— A minha colaboração.

Elasorriu, para dizer:

— E' na outra sala, meu menino, que se trata da secção infantil.

Divisa: — *Os homens não se medem aos palmos.*

### Dr. Gomes Teixeira

Quando o Estado o mandou aposentar, houve quem dissesse:

— Não há de ser difícil arranjar-lhe aposento.

Um dedal de costureira chega e sobra.

Viaja sempre a pé entre a casa em que habita e a Universidade. Nunca entrou num eléctrico com medo de se perder lá dentro. E' que já certo dia lhe aconteceu ter caído dentro de uma saquinha de senhora, onde passou três dias sem dar por isso, de tão embebido que estava na resolução de um

problema algébrico. Nasceu em S. Cosmado, como a fada Florisbela, dentro de um botão de rosa. Parece que, com este auspicioso berço, devia dar um poeta. Pois não senhor. Deu um matemático, — o primeiro matemático português. Tem, com muita justiça, a Grã-Cruz de Santiago. Felizmente, nunca a usou; se não, daria a impressão de estar crucificado.

De uma vez que tomou uma pílula, todos os seus amigos ficaram aterrados, convencidos de que ele tinha uma anasarca. E a família, em casa, está sempre com receio de que ele desapareça em qualquer frincha do soalho.

Divisa: — *S. Francisco de Assis teve só um defeito: não saber geometria.*

### Actor Chaby Pinheiro

O mais pequenino de todos. Altura, 41 centímetros. Perímetro torácico, 37. Pêso: 18 quilos. Volume, quási nulo.

Quando entrou à inspecção, tiveram de amarrá-lo por um pé, para que ele se não evolasse atmosfera em fora, uma vez aliviado do pêso da roupa. Gasta sapatos n.º 18, luvas de 4 e meio, e um metro e vinte de fazenda para uma andaina completa.

Quando viaja, nunca paga bilhete: leva-o a esposa na algibeira. Nem precisa de cama: dorme dentro do cofre. E na altura em que frequentou o Curso Superior de Letras, o porteiro não queria deixá-lo entrar, com o pretexto de



Chaby Pinheiro

que aquilo, ali, não era nenhuma escola de instrução primária.

O seu primeiro amor foi uma filha-família que morava num quinto andar. Para chegar lá acima, pediu o auxílio de um amigo, que o metia dentro de uma bola de sabão. Depois, arranjou uma escada, não de corda, mas de linha de pontear. Por último, tendo emagrecido um pouco, bastava-lhe fumar um cigarro para subir a prumo no espaço.

Representa admiravelmente, e faz galãs primorosos. Pena é aquele físico de liliputiano. Está a gente sempre à espera de que a *ingénua* lhe diga:

— Cresça, e depois apareça!

Divisa:

— *O dinheiro é tão bonito, tão bonito, o maganão!*



Silva Gouveia

O êxito do nosso grandioso concurso de

# PIM-PAM-PUM

fica sobejamente demonstrado pela quantidade de concorrentes.





## Pôrto-Belenenses em Coimbra

Do nosso Haut-parleur privativo em casos desta natureza.

Coimbra, 3 de Julho — Desta vez a «Bola ao Centro» foi jogada precisamente no centro do País.

Estávamos no nosso pôsto desde as 10 horas da manhã. Viemos de automóvel para Coimbra e tivemos a impressão de ir para o Senhor da Pedra! Camiões, camionetes, automóveis, bandeiras, bandeirinhas, chapéus enfeitados, tudo vinha por essa estrada fora, caminho de Coimbra.

Em tôdas as sombras estendiam-se merendeiros; e os gargantas em mangas de camisa atiravam-se às botijas e às pernas de frango, como se fôsem pernas de Belenenses.

Dava a impressão de que o Pôrto, ia viver inteiro para Coimbra. Só de combóios foram mais de meia dúzia!...

Eram três horas da tarde quando chegamos ao campo de batalha, que a essa hora era já um campo de fornalha.

Fomo-nos empoleirar num cantinho, só com meio assento assente na dura táboa, e fartamo-nos de dar graças a Deus.

Tínhamos duas horas na nossa frente, e milhares de pessoas que suavam, beravam, despiam a roupa tôda, e iam para o quiosque pagar cervejas com garrafa e tudo. Aproveitámo-las para verificar o terreno. As bancadas eram divididas em três corpos: esteira, zinco e táboa. Os peões, coitados, fôram uns verdadeiros peões das n. cas. Aquele que tivesse a infelicidade de não ter o metro e setenta-e-um da praxe, não via senão as costas do visinho dianteiro. Por esta razão, aproveitou-se tudo o que tivesse altura: pedras, tijolos, caixotes, barrotes, e os mais infelizes, coitados, puzeram-se em cima de jornais diários. A C. P. alugou os tejadilhos dos vagons e fez um dinheirão.

Os amigos do Pôrto levavam uns canudos enormes para berrarem por êles. Os de Lisboa faziam uso das gargantas ao natural.

### O jogo

Começou debaixo dum calor tropical. Eram cinco e dez quando o sr. Melcon, assobiou. Tremeu Santa Clara lá do alto, e o Mondego agachou-se medroso no Choupal.

Berrava-se: Corações ao alto! e o Waldemar, zaz — julgava que era com êle e pregava com a bola por cima das balizas.

Domina o Norte, nitidamente. Clama-se das Bancadas: Pôrto! Pôrto!

Mas o Pinga ouvia mal e teve o primeiro parto.

### 1 a 0 a favor do Pôrto

Foi o fim do mundo! O «Panelas» teve um ataque de insolação. O «Portugal que mais queres» chorou como uma toura desmamada, e o Zé Lima subiu 50 por cento na rouquidão.

Ninguém sabia da claque lisboeta, e aquilo nestas alturas era tudo nosso, quando o Pinga tornou a ouvir mal e Zaz!

### 2 a 0 a favor do Pôrto

Simplemente fantástico! Com certeza não houve tamanho regosijo quando D. João I venceu os espanhóis em Aljubarrota. Os tresentos Rodrigues do foot-ball Cub do Pôrto, abraçaram-se a outros tantos desconhecidos. Nesta altura predominava o azul e branco no campo. Datam desta hora em diante as caneladas e os golpes proibidos em tôda a parte menos em Espanha. E' que lá não há censura. Esquecera-nos dizer que o sr. Melcon era espanhol e o Pôrto bem o sabia.

O Folhadela da Foz começou a ficar rouco e o Corte Real tinha imensa pena de não pode dar palmas.

Foi então que terminou a segunda parte com o sol contra todos, até contra os espectadores que estavam quási tostados.

### Intervalo

Já não havia cervejas nem gasosas, e os pirolitos tinham-se esgotado todos (*Honni soit qui mal y pense*).

O Juca Leão estava preto de todo, e o Alberto A. Pereira berrava tão fininho que parecia um pífaro. De Lisboa nada; estavam a armazenar.

### 2.º tempo

Nos primeiros 15 minutos foi ainda o Pôrto quem fez figura e mais um ponto. A gente chegou a ter a impressão de que êle estava a jogar o *Pim-Pam-Pum* da MARIA RITA e que acertava em todos os bonecos.

Mas o sol era um cão e o Augusto Silva tinha passado a médio centro. Os nossos rapazes estavam esgotados.

O Szabo parecia um bombeiro a apagar um fogo. Despejava baldes inteiros nas costas do Lopes Carneiro e no Castro e abençoados foram, pois

que estes chegaram ao fim muito frescos a-pesar-de tudo.

Em seguida, Lisboa fez o primeiro ponto. E não lhes dizemos nada.

Onde diabo estariam metidas tantas gargantas e tantas bandeiras.

Pareciam táxis a levantar a bandeirada.

Um barulho infernal e algumas lutas de corpo a corpo na assistência.

O Alberto Pereira passou a falar em si e o Pôrto também caíu em si. Reagiu e pregou lá com a quarta bola certa.

Era Pai! Nem o Hitler tem sido tão aclamado. O Armando Guimarães arrancou metade dos cabelos e ofereceu-os ao Carlos Mesquita para êle parecer mais velho. O Cândido Mota ainda fez o gesto de lhe oferecer um automóvel, e o distinto *sportman* Queilhas Lima, falou-lhe em espanhol durante cinco minutos.

Mas estava provado que esta alegria tinha de ser amargada.

Daí por diante parecia que estávamos a assistir a um enterro.

E o jogo... o jogo... não! Pedimos perdão a Vossas Excelências; não podemos continuar a descrevê-lo. Atravessa-se-nos na garganta um nó enorme e vem-nos uma vontade de chorar imperiosa.

O jogo depois não existiu para nós. Só teve de interessante a vinda embora, e um jantarzinho com os restos dos miseráveis frangos que já tinham sido trucidados à ida para lá.

Esgotaram-se tôdas as bebidas em Coimbra, a-pesar-de ter havido nada menos que 8 goals e duas boas *Pingas*.

### Resultado

Um empate com prolongamento e tudo, que vai ter o seu desfecho no próximo dia 17 no mesmo campo crematório do Arnado, sob os olhos protectores de Santa Clara, e a inimizade de quem devia ser amigo.

### A

## Adega Ideal do Lavrador

É a adega ideal do apreciador de bons vinhos

Vendas nas seguintes filiais:

Rua do Bomjardim, 361 e 363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.

Rua das Fontainhas, 194 e 195.

Rua do Teatro S. João (Vulgo Cima de Vila).

Rua Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam). Telef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Fernão de Magalhães, 53 e 55. Telef. 2484.

Largo Campo Mártires da Pátria, 54 e 55 (Vulgo Cordoaria). Lar. o Maternidade Júlio Dinis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).

Travessa da Banhoria, 24 e 26 (Esq. da Rua dos Mercadores). Telef. 905.

Rua Anselmo Brancamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua da Senhora da Luz, 238 e 242. Telef. 3.4 — FOZ.

Em MATOZINHOS — Rua (onde S. Salvador, 71 e 73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto). Telef. 2.5 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos, a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA de vinho autêntico velho do Pôrto!





# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Ia eu hoje sair de casa, despreocupadamente, e senti por todo o corpo, mas especialmente na cara, uma espécie de onda sanguínea, pesada e mole. Agarrei nervosamente no pulso, meti dois dedos sob a correia do relógio, e verifiquei que não tinha febre. Era, simplesmente, calor.

É verdade. Está um calor de rachar. «Faz calor», como diria um grande estilista moderno. Chegou o verão. *Verão*, — futuro do verbo *ver*. Veremos...

Depois de andar uns quinze passos, respirando por cada narina uma média de 4:135 miasmas em cada passo, uma lágrima teimosa tremeu, tremeu, tremeu, no alto da minha fronte. E procurei o lenço; como sou distraído, e creio nos encantos da variedade, nunca sei onde meto esse indispensável complemento do vestuário hodierno. Se se anuncia um espírito, ou se qualquer razão, em geral urgente, me determina a procurá-lo, as minhas mãos transformam-se em coelhos assarapantados, à procura de tocas em que entrem e saem desvairadamente.

Foi o que me aconteceu há bocado, como sempre.

Passeada, enfim, pela testa a frescura do linho, dei-me a longas cogitações filosóficas, que versaram sobre o vestuário masculino, e que venho trazer-te.

Acceita esta verdade inicial. O homem não devia andar vestido como anda.

Não é que eu seja nudista. Não. Os nudistas vão às do cabo; e correm, de cabo a rabo, uma escala de exagêros. Não, repito. O nudismo ou tem resultados bonitos demais, e é perigoso, ou feios de mais, e é aflitivo. Mas nasceu, em todo o caso, desta verdade que eu sinto; tem uma base de bom senso; foram seus precursores os numerosos cidadãos brasileiros que vivem em Pelotas, e que são honestíssimos.

Também me não inclino muito para certa escola francesa, iniciada, se não estou em erro, por Maurice de Waleffe. Para esses, o sexo feminino segue modas que o valorizam pela beleza, enquanto o pobre sexo forte se mete em sacos horrendos que o inferiorizam pela fealdade. E tratam de que os homens sejam tão bonitos como as mulheres, voltando afinal ao calção e meia, aos tecidos capitosos, às joias, às rendas, aos berloques, talvez às pinturas e sinaizinhos com que o Duque de Lafões se tornava irresistível.

Não me parece prático, nem desejável. Não nego, antes confirmo, que todos nós, meus senhores, somos uns «grandessíssimos» estafermos, que um côco é uma melancia de luto, que um palhinha é uma rodela de batata bexigosa, que uma casaca é um rouxinol saído de uma carvoaria, que um jaquetão é um saco roto, salvo seja, que as calças são duas mangueiras siamesas. Tido isso, e muito mais, é verdade. Mas também é verdade que era matar o Sr. Rocha Martins obrigá-lo a escrever com punhos de renda; que descreio bastante da modelação das barrigas das pernas do Dr. Alfredo Pimenta; e que qualquer de nós, envolto em setim *liberty*,

com véus de *pongé* velando os bigodes e rendas de biros nas cuecas, se sentiria um ente desgraçado e triste, incapaz de qualquer grande rasgo, como, por exemplo, entender o que escreve o Sr. Leonardo Coimbra.

Entre o nudismo de Adão Júnior e a super-vestimenta de Waleffe, deve um dia descobrir-se, no entanto, qualquer coisa que resolva o problema.

Porque, verdade verdade, o problema existe, e tem que ser resolvido.

Tu és mulher, MARIA RITA. Como ainda me não participaste o teu casamento, tenho de concluir que o não realizaste; e, como me não fizeste confidências, concluo também que .. enfim, que seria indiscreto julgar que sabes, tim-tim por tim-tim, como se veste um homem. Não sabes. E eu conto-te.

Para os que não usam camisola, a primeira peça é a camisa; há-as de onze-varas, as de candeeiro, e várias outras; mas uma camisa, uma camisinha trivial, tem em média 3 botões no peitilho, fora dois postigos para o colarinho, dois nos punhos, e uma presilha onde há uma casa com escritos. Conta sete, embora os dos punhos valham por 4...

A seguir, as cuecas. Peça complementar; dá-lhe 5 botões, se não faltar nenhum, mas conta 6 visto que um se torna a abotoar na presilha acima.

Põe as peiças, arrepelando os tornozelos para acertar a *baguette* prendê-las-ão com ligas cujos fechos, ou molas, representam 2 botões para cada uma. Enfia as calças; lá encontrarás 7 botões ao cimo, fora os 6 dos suspensórios. Calça os sapatos; abre os braços ao colete, onde encontrarás mais 5 botões, a que juntarás mais 3 do casaco, — se não fôr acertado.

Depois, já podes calçar as luvas (2 botões), tendo antes disso abotoado a argola das chaves... E, todo pinoca, sairás ufano, tendo no teu activo, sem contar o nó da gravata, os atacadores dos sapatos e as presilhas das calças e do colete, *quarenta botões que abotoaste*; 40, por não levares sobretudo...

Admitindo que entre o levantar e o deitar ninguém te mandou despir, que não desabotoaste, para o tornar a abotoar, nada do que já tinhas abotoado, são indiscutivelmente oitenta botões com que um homem tem de se preocupar na roda do dia... Ora, MARIA RITA, oitenta botões, — nem a melhor roseira do Moreira da Silva!

E' necessário, é urgente, reformar a pobre e piña indumentária dos pobres homens.

Isto assim não pode continuar.

Declaremos guerra ao botão, — deixando em gás a Pampilhosa sua pátria.

E não só a êle.

Além dos 40, — tantos como os imortais da Academia — a gente leva, no mesmo fato: — 3 bolsos nas calças; 4 no colete, fora um interior: 3 no casaco, fora 3 interiores. Nada menos de 14 algibeiras, de vários formatos e feitios. Para quê? Quem é que hoje tem um vintem para meter em cada uma? De que servem tantas ra-toeiras, se é só numa que o bilhete do combóio se torna inacessível quando chega o revisor?

Para o nosso semelhante nos meter as mãos nas algibeiras, — não bastariam duas? Não será um entrudo melancólico isto de andarem os homens cobertos de «saquinhos» que ninguém vê? Todo o coitão das 14, acomodado só numa não daria para encher pouco a pouco uma almofada, desbancando a mais subtil sumatima?

Acredita, minha amiga.

E' uma tragédia, é uma tragédia em que nem sempre cai bem o pano (de cheviote) esta da farpela do sexo forte.

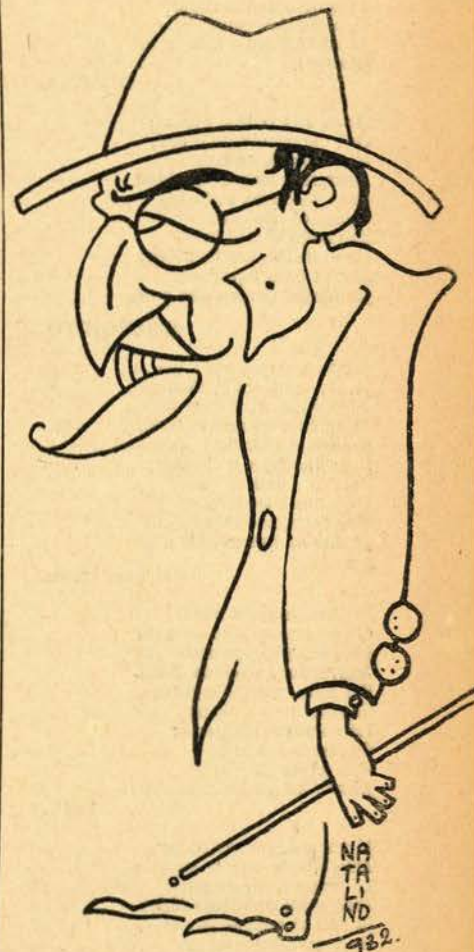
Eu, no teu lugar, mandava lançar pregão. Fazia um inquérito aos doutos, assestava um sacarroilhas aos miolos de sociólogos e de artistas, e apurava, em sucessivos alvitres, qual o novo-sentido a dar ao fato. Porque, embora contra factos não haja argumentos, (sobretudo se a gente os está a dever ao alfaiate) com certeza que na multidão dos teus leitores muitos haverá que sintam como eu sinto, e que sejam capazes de propor um alvitre que tudo resolva.

Cá por mim, de tanta eloquência dispender, até estou a suar. Espera aí. Onde está o lenço? Onde meti eu o lenço? Será nesta? Nesta? Nesta? Ora esta!

Enxugo a fronte às costas da mão. E digo-te adeus com a mão, com a mão aberta.

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

## O Povo de Israel



Ricardo Jorge, a quem a blague alfacinha, pelo confuso, abstruso e semi-fuso da prosa, alcunhou da Camilo Castelo Preto.





Para o mote

*Morreram as velhas tôdas,  
Já não há quem talhe o ar.*

recebemos as seguintes

**GLOSAS:**

Com sorrisos, não me engodas,  
E's velha, não tens calor!...  
P'ra o meu coração d'amor,  
*Morreram as velhas tôdas!...*  
Vê lá tu se te acomodas  
A outro officio... Queres amar?...  
E' tarde p'ra começar!...  
Indico-te uma maneira  
De viver!... Sê feiteira...  
*Ja não há quem talhe o ar!!...*

**Alfredo Cunha (RAZA).**

Acabaram-se-te as bodas  
S. Gonçalo de Amarante;  
Pois agora, neste instante,  
*Morreram as velhas tôdas.*  
Já nunca mais te incomodas,  
Podes, enfim descansar  
No cimo do teu altar.  
Tuas devotas, donzelas,  
O Demo deu cabo d'elas,  
*Já não há quem talhe o ar.*  
(Aveiro).

**OLEGNA.**

Havia seis velhas, gordas,  
Que curavam todo o mal,  
Mas numa hora fatal  
*Morreram as velhas tôdas.*  
Fêz a medicina as bodas  
E resolve não curar  
Enquanto se não fartar  
De dinheiro, aos montões;  
E' p'ra tudo injeções,  
*Já não há quem talhe o ar.*

**MOLÉQUITO.**

Já não mais assisto a bodas,  
Já não creio em S. Gonçalo,  
Falta-me o ar, já nem falo  
*Morreram as velhas tôdas.*  
Com êste anúncio m'engodas  
E eu que fique a chuchar,  
Pois com uma ia casar  
Diplomada em feitiços  
Mas enfim não há derriços  
*Já não há quem talhe o ar.*

**Rei sem trono.**

Repicam sinos a bodas  
Quantos noivos se casaram  
Pois se as sogras acabaram  
*Morreram as velhas tôdas.*  
Foi tudo, magras e gordas,  
Rapazes toca a cantar  
Há só novas para amar  
Gozemos a ocasião  
Pois agora na Nação  
*Já não há quem talhe o ar.*

**LIZÉ.**

Já não assistem às bodas  
*Meninas* de oitenta anos...  
Lá foram os desenganos  
*Morreram as velhas tôdas.*  
Já não há antigas modas  
De vestidos a arrastar  
E quem quiser enfeitigar  
Criadinha de servir,  
O remédio é desistir,  
*Já não há quem talhe o ar.*

**J. das CRASTAS.**

Nesta terra como em tôdas  
(Acreditem sem chalaça)  
Que duma grande desgraça  
*Morreram as velhas tôdas.*  
Ao festejar umas bodas  
Foi tamanho e tal o azar  
Começando a esticar  
Tôdas as bruxas assim  
Que mesmo com alecrim  
*Já não há quem talhe o ar.*

**Delfim de FREITAS.**

Sofreu uma destas podas  
O velhame mundial  
Que vi hoje no jornal,  
*Morreram as velhas tôdas!*  
Ficaram milhões de bodas  
De prata por celebrar;  
Já não podem cortar  
Na casaca como outr'ora;  
Mas o diabo é que agora  
*Já não há quem talhe o ar!*

**ELMANO XX.**

Embora atrasadas, publicamos as seguintes glosas, do mote anterior:

No dia que em Portugal  
Por todos é festejado,  
Deixou o céu um bocado  
*S. Pedro, vem no jornal.*  
E foi ter ao arraial  
D'uma terra lá do Minho.  
Mas receando o Santinho,  
Que alguém o reconheça,  
Inda antes que amanheça,  
*Vai comprar um capachinho.*

(Açôres).

**Zé BARÃO.**

Na côrte celestial,  
De que é porteiro antigo,  
Depois de pensar consigo,  
*S. Pedro, vem no jornal.*  
Teve a ideia genial  
De arranjar cabelinho.  
E o amável santinho,  
Que é levadinho da breca,  
Para encobrir a careca,  
*Vai comprar um capachinho!*

(Açôres).

**Barão dos AÇORES.**

Mote a concurso para o próximo número:

*Enfim descobriu-se o pai,  
Dos filhos de Zebedeu!*

**Conhecem o Bastos Monteiro?**

É o inspector de Seguros de Vida da Companhia de Seguros

**"COMÉRCIO E INDÚSTRIA,"**

Largo dos Lois, 92 — PORTO



**Do amor, da mulher e de alguns homens**

(Pensamentos corrosivos, mas que nada tem de sublimados).

E' o macho, em tôdas as espécies animais superiores, sempre mais bonito, mais ornamental, que a fêmea.  
... percebem agora, caros leitores, porque tanto trabalho tem as mulheres em arranjar-se.

A barriga é a grande propulsora de tôdas as nossas acções. Não há maus de barriga cheia, nem bons com ela vazia.  
... a não ser a Maricotas que, estando para ter um filho dum dos nossos redactores, anda como uma barata.

Em regra geral, quando uma mulher chora diante de ti, não é de dor ou de má-gua.  
E' com raiva de te não poder arranhar todo.

Se pudéssemos entrar em certos cérebros, que desolação, meu Deus! Se gritássemos nem o eco nos responderia.  
Ao menos, nos desertos, temos, de vez em quando, o sôpro de *simoun*, as tempestades de areia.

Há mulheres de tal nobreza e tal porte de rainha, que só lhes ficava bem ao lado um marido com chapéu de dois bicos.

Uns trajos frescos de viúva são como êsses sinais de *impedido* que se põem pelas estradas. Trânsito parado, é verdade, mas prometendo, num futuro próximo, a realização de grandes, agradáveis, e talvez até bem estenuantes viagens.

Já pensaste, leitor, o que sucederia se a natureza nos tivesse feito ovíparos? Acreditas que houvesse mulher capaz de levar a sua dedicação de mãe ao ponto de estar nove meses no chôco?

**Dr. KNOX.**



— *E diga-me Joãozinho: qual é a parte do nosso planeta que não tem sido abalada por um tremor de terra.*  
— *O mar, sr. professor.*



**Quem é?**

Paga em "moeda corrente",  
Co'a maior pontualidade,  
E deseja a tôda a gente  
"Saúde e fraternidade".

Cura o triste padecente  
De cruel enfermidade.  
E' sagaz, inteligente  
E dos Sábios bom confrade...

Tratou da "neurastenia"  
E "quando se amava assim"  
Remou bem "contra a maré"...

Ressuscitou a "Maria"  
—A que a rir teve o seu fim...  
Sabem vossências quem é?

(Aveiro)

**OLEGNA.**

**Anexim**

O Pai bebia até mais não.  
O avô materno, idem, na mesma.  
A própria irmã — uma seresma —  
Adora o Santo Garraão...

A mãe tôda se desespera  
Se p'ra beber não tem vintém.  
E o filho ri, — dizendo à mãe:  
"....."?

**LOMBRIGAS.**

Decifrações do último número: — *Quem é?*  
Arnaldo Leite. *Anexim*: Quem porfia, mata  
caça.

*Matadores*: Rei da Graxa, Brancuras, Tê-  
tio, Berimbau II, Príncipe Defunto.

**Ironias em 4 versos**

Tens gestos ásperos, agres,  
Tinha mêdo de te amar...  
E's Maria dos Milagres  
Mas não vou ao teu altar!

A Maria Madalena  
Arrependeu-se. Eu só peço  
Que não faças igual cena  
Pois tinha pena, confesso.

Linda Maria da Graça  
Teu nome que graça tem!  
Vendes amor a quem passa  
De graça, não quer's ninguém...

Maria da Luz: que olhar!  
Quanta luz dêle irradiá!  
Só eu, de tanto o fitar,  
Fiquei cêguinho, Maria.

Dize muito à puridade:  
Porque és má? Porque és assim?  
Se és Maria da Piedade  
Podias tê-la de mim...

E's Maria do Amparo  
Sei as dores que te consomem  
Custa-te muito, é claro,  
Ser's o amparo dum homem...

**Ruy de ORTEGA**

**A mania do francês**

Um belo dia despediu-se à francesa e foi para França. Casou com uma francesa e comprou uma cama à mesma, isto é, à francesa para a tal francesa.

Aborreceu-se da mulher, pregou-lhe a francesa, e regressou a Portugal, quasi tão francês como a Tôrre Eiffel, a Mistinguett ou o Sr. Dr. Afonso Costa.

Com o seu francesismo irritante e impertinente, o meu antigo condiscípulo Franco Gambeta, tornou-se uma criatura absolutamente indesejável, como se fôsse um bolchevista, uma sogra, ou um credor.

\*  
\* \*

Vestia à francesa, comia à francesa, fumava tabaco francês, e morava na Avenida de França, com um cão dos Pirineus, uma criada do tempo dos franceses e um *chauffeur* natural de Pau, que costumava ir às noites ao quarto da criada, explicar-lhe a limpeza do motor e a mudança de velocidades.

Surpreendidos uma noite pelo patrão, a velhota desculpou-se: — "Como êle dizia que era de Pau!..."

— "Não é Pau, é *Pô* — sua estúpida! — vociferou o Gambeta".

— "Pois cá para mim é Pau e é de pau e tenho dito!" — contestou a velha, que ignorava por completo a pronúncia francesa.

\*  
\* \*

Como todos o censurassem por não se exprimir na língua pátria, na sublime língua de Camões — pobre língua que morreu à fome! — o Franco Gambeta,

transigiu em parte, e resolveu misturar os idiomas, metendo nas frases palavras francesas e portuguesas, à toa, consoante calhasse, conforme a língua que lhe viesse à língua...

Se uma senhora lhe perguntava: — "Que tal me encontra hoje, senhor Franco? Acha-me bonita?"

A resposta era esta:

— "Oh! *Vous êtes* muito gentil. *Votre bouche* é adorável; *les yeux sont* duas lâmpadas *électriques*, *et votre cou* é um assombro!"

Com esta enxertia do gaulês no luso, o homem ganhou a alcunha do meio-francês.

\*  
\* \*

A última dêle deu-se nos Açores. Num salão, numa roda de elegantes senhoras e distintos cavalheiros, discutia-se a beleza das nossas ilhas e das nossas possessões africanas.

Franco Gambeta exalçava num patriotismo fervoroso as maravilhas dos Açores. As ilhas, eram, para êle, um tesouro inegalável de magnificências encantadoras, as jóias mais fulgurantes que brilhavam no escrínio bendito das terras de Portugal.

— Porque motivo gosta tanto das ilhas? — indagou um lisboeta, algo despeitado por tantos elogios.

E logo, o nosso Franco, respondeu, na mistura costumada:

— "*Parceque* as ilhas tem *mer* dum lado, *mer* do outro, *mer* da frente e *mer* das trazeiras.

Tá-be-liau! — Como diz o oitro...

**LEIDOAR.**

**Posta restante**

*Kika* — Temos para consigo uma dívida aberta que não sabemos como pagar. Demos hoje por ela, e resolvemos fazer como nas contribuições: pagá-la com multa e relaxe. Foi o caso de se ter extraviado uma sua décima da nossa *Rua das Musas*. Tenha paciência e desculpe, que uma senhora como a Dona MARIA RITA deve ter sempre desculpa.

Mande sempre décimas e em nós.

*Rutra Seugram* — Fazemos nossas as palavras do orador anterior. Desculpe também e mande mais. Houve aqui uma semana em que desapareceu muita coisa. Desculpe e tenha paciência.

*Zê Barão* — Como vê sai a sua glosa, embora retardada. Mande para tôdas que será bemvindo. A sua outra carta da semana passada, parece que não deu entrada na nossa redacção. Coisas que acontecem como diz o célebre *galo*.

**As indiscreções da imprensa**

A senhorita Leopoldina,  
Rainha da Beleza feminina,  
Cheia de encanto e feitiço,  
Confessou outrodia a um jornalista  
Que o senhor Lopes Calista  
Lhe prestara de graça os seus serviços.  
Foi gentil, o pedicuro.  
Mas eu, por mim, asseguro  
Que me comportaria em forma igual.  
Julgava paga bastante  
Ter nas mãos um pé galante  
E que é, de mais a mais, um pé real.  
Porém, lastimo somente  
Que o jornalista em questão  
Desse co'a língua no dente.  
Fica, assim, sabendo a gente  
Que a bela tem um senão:  
É que a formosa Rainha,  
Orgulho do seu país,  
Não usa *pés de galinha*,  
Mas tem *olhos de perdiz*.



# “ECOS DE CACIA”

Em cumprimento da lei da Imprensa que não admite objecções, somos obrigados bem contra a nossa vontade, a publicar a carta que se segue:

Senhor dono da MARIA RITA

Tendo chegado ás minhas mãos um numero do seu muito estimado jornal vi neste cujo dito jornal que o qual só hoje li pela primeira vez que se botam ao correspondente do jornal dos Ecos de Cacia em Quintão do Loureiro do qual sou assinante fundador desde o inicio da sua publicação.

Não venho fazer a defeza do dito cujo correspondente do qual não tenho procuração, mas cujo bem conheço, mas unicamente para ingrandecimento da terra da cuja tenho honra de ser seu filho aqui nato.

Não ademito nem a brincar que se trosse da minha terra que tambem pertence a Portugal e está no mapa, e istou aquasi com a certeza que o referido já mencionadox correspondente dos Ecos de Cacia se saberá tomar defeza das ensolencias esvomitadas por esse jornal, cujo como já digo só hoje li, pois desconhecia a sua vida.

Fique voçasenhoria sabendo que Quintão do Loureiro é o uma terra onde o progresso já d muito foi introduzido, tem estradas locomoveis e tambem por via aeria tem passado já um rôr de vezes idraviões já de passagem para essa cidade.

Quanto a escolas aqui sobejam as cujas nem tem assistencia incispensavel ás mesmas, pois as mesmas são demais para a quantidade total de crianças ainda na infancia que esta dita freguezia comporta. Já vê qu: se enganou quando pretende montar aqui escolas.

Dezer que o correspondente, ou dar a perceber que este mesmo precisa de ir para a escola é um bastante ab surdo, pois este pode probar que não precisa disso mesmo para nada, pois não ha muito tempo que foi a casa particular dele e vi na sala da frente o diploma que fala como gente do exame que ele fez de segundo grau com 15 valores aproximadamente.

Provasse, portanto, com documentos legaes que o mesmo referido correspondente sabe escrever legalmente.

Os Ecos de Cacia são um jornal muito serio bastante noticiario donde se trata todos os assuntos que nos dizem respeito desde o que das outras freguezias visinhas onde conta muitas amizades assinantas.

Vocemecês lá por serem da cidade pensam que sabem escrever melhor que os daqui grande engano, pois percebemos a mór partes das vezes o que os jornaes da cidade querem dizer na sua nem mesmo com o dicionario á vista.

O que naturalmente lhe faz raiba foi o termos annunciado a viagem do nosso Editor a terras da Curunha — Espanha — ai é que ihe deve arder as orelhas por esta arriscada tentativa reportagem dos Ecos de Cacia

o que nem todos podem fazer por falta de corajem mental.

Os senhores não tem mais que escrever e paro enxer o jornal e vai dai toca de copiar o que vem nos outros e ainda por cima a fazer pouco de cujo não á razão.

Aproveite antão mais esta minha carta para enxer o jornal e acredite assim que quem esta lhe escreve está muito resolvido se esta não for publicada no seu jornal a enduzir o dito cujo correspondente a apelar para a Lei da Imprensa.

Assino-me:

EFÍSIO MARQUÊS CASCALHEIRA.

P. S.

Pode pôr o meu nome na assinatura visto nada reclar.

Como veem há alguém lá na terra que sabe escrever decentemente. E por esta razão a MARIA RITA dá a questão por terminada com honra para ambas as partes.

Só ficamos à espera da reportagem de Espanha para nos rirmos um bocado.



A mulher, é o maior encanto dos nossos olhos e dos nossos sentidos. Confirma-o o *carôço* que temos na garganta.

## Condolências ou quê?

Do diário nacionalista da tarde, a Revulação, recortamos o seguinte telegrama redigido a propósito da morte do ex-rei de Portugal, Senhor D. Manuel de Bragança:

“Pessoal monárquico Borges & Irmão Pôrto, sentindo perda irreparável, rogam Deus seu eterno descanso.”

Como o leitor conspícuo, porventura assíduo, pode facilmente ver, estes monárquicos do Borges & Irmão, desbançam em matéria de preguiça os socialistas do Fontana.

Como não lhes cheguem 7 dias por semana, rogam a Deus o seu eterno descanso.

Já é convicções.

### Parto

Desesperado Maria! O teu desdem obriga-me a deixar-te para sempre. Parto para uma viagem de circunavegação como ajudante de globe-trotter. Adeus, sim?!... Simpático.

### Morto

Por te ver. Diz aonde e como minha flor: A saúde é um corrosivo da minha alma.

Estou melhor. Purguei-me ontem.

## Na sala de pensar

### Pensamentos célebres

Fazei das tripas Coração e limpai com elas os vossos metais.

Hoje em dia o dinheiro não chega para nada. Por isso as donas de casa de agora andam sempre com o Coração nas mãos.

**CRIADA** em segunda mão a contar da última para trás. Dispensa ordenado, mas não dispensa a despesa.



Um cão que cai do céu.



# PEÇAS E



## Um "socorro,, a tempo

Hecatombe humana em três cenas arripiantes

### CENA I

O quarto do Porfírio. Simples como êle, limpo como êle, um apetite como êle. Na mesa de cabeceira, um retrato «mignon» de Rebeca, seu namôro e donzela jovem, como êle.

PORFÍRIO, contemplando o retrato da Rebeca, canta, com música da «Espiga»:

...azeitonas,  
E teus seios, cachos de uvas que abandonas  
A' vindima...

A DONA DA PENSÃO, batendo-lhe de manso na porta e empurrando-lhe um papel branco pela fresta da mesma:

Uma carta p'ró senhor,  
Acabada de trazer por portador.

PORFÍRIO, apanhando-a, e vendo a letra, exclama:

Que linda caligrafia!  
Esta letra assim esguia,  
Não me é estranha, isso não!  
Quem seria a linda mão  
Que a escreveu?

(Pensa uma boa meia hora e por fim diz, satisfeito:)

Ah? Eureka!  
É a letra da Rebeca,  
Da minha noiva!

(Rindo-se)

Ah! Ah! Ah!  
Que novidades trará?

(Abre-a, febril, e lê, trêmulo:)

«Meu adorador Porfírio!  
Afinal, êste mcrtrio  
Em que vivemos, há já  
Dois anos de amor ardente,  
Vai acabar! O Papá,  
Furioso, não consente...»

(Porfírio, pálido, não acaba a leitura. Deixa cair a carta e, berrando como um possesso, dirige-se para a mesa de cabeceira, abre a gavêta e tira uma pistola, exclamando:)

Não consente, o desalmado,  
Que eu seu genro venha a ser?  
Sá então tudo acabado?

(Agarrando a pistola e encostando-a ao ouvido:)

Adeus, vida! Vou morrer!

(Fecha muito os olhos, tapa com a mão livre o ouvido em que vai dar o tiro, para não ouvir o estrondo, e, desfechando, estatela-se ao comêrido no chão, como um cadáver).

### CENA II

O quarto de Rebeca. Pretensioso como ela, rijo como ela, um nojo como ela.

REBECA, bordando uma almofada com duas grandes agulhas, canta:

Li que sarilho,  
Ser pai d'um filho...

Quando entrar a criada, enfiada, a tremor:)

Porque vens, boa Maria,  
Assim, tão pálida e fria?  
Que foi que te aconteceu?

MARIA, deixando-se-lhe cair no colo, articula:

O seu Porfírio... morreu!  
Com a dor, desiludido,  
Deu um tiro n'um ouvido,  
Por julgar  
Que o seu papá se negava,  
E lhe não dava  
Licença para casar!

REBECA, espolinhando-se no chão, com um ataque de nervos:

Ai, a bêsta, ai, o animal!...  
(levantando-se, desorientada:)  
Maria, dá-me um punhal!  
Também me quero matar!

MARIA, que rebuscou tôdas as gavêtas, não encontrando jaca nenhuma:

Serve a agulha de bordar?  
(Rebeca espeta-a no peito e cai, de braços abertos).

MARIA, a chorar, agarra na outra agulha e berra:

Pois se é assim, também eu quero,  
Com a dama que venero,  
Partir-me p'ró outro mundo!  
(Pegando na outra agulha:)  
Vá, agulha, entra bem fundo!  
(Na agonia, como qualquer pessoa que se preza, canta entre dentes:

«Eu quero que o meu caixão  
Tenha uma forma bizarra.  
A forma d'um coração,  
A forma d'uma guitarra».

Os PAIS DE REBECA, aparecendo ao fundo, alucinados:

O' Céus! Que vemos? Exangue,  
O sangue do nosso sangue,  
A carne da nossa carne?  
Oh! A Batalha do Marne  
Foi um brinqueado, mais nada,  
Comparada

Com esta carnificina!  
(Chorando:)

Morreu a nossa menina!  
Nós vamos morrer também

(Berrando alto:)

Uma arma, quem a tem?  
(correm tudo, mas não encontram).

ELE, dando um grande murro na mulher:

Faz também como eu, assim!  
Atira-te tu a mim!

(Atiram-se um ao outro como se fôsse um match de box e acabam por cair um para cada lado, acentuadamente mortos).

UM POLÍCIA, entrando:

Que barulheira foi esta?  
Quem é o burro, quem é a bêsta?...  
(Vendo os mortos)

Ena, pai,

O que aqui vai!

Que pavor!

Sinto que vou sucumbir!

Ah! Não posso arresistir!

A êste horror!

(Procura por cima dos móveis, encontra um frasco de Elixir de Longa Vida, que bebe de um trago, caíndo morto em cima dos outros corpos).

### CENA III

PORFÍRIO, entra cambaleante, ensangüentado, trazendo na mão a carta fatal:

Meu amor, ai que feliz  
Eu me sinto à tua beira!  
Um maldito engano quis  
Que eu lêsse de outra maneira,  
Essa carta que dizia  
Que o teu pai não consentia  
Que eu te andasse a namorar  
Sem casar!

(Vendo o campo de batalha:)  
Mas que vejo? Em sarrabulho  
Transformada a minha q'rida?  
Nem um ai, nem um barulho,  
Que me diga estar com vida?  
Céus! Agora tem que ser!  
P'ra que me serve o viver?

(Procura por cima dos cadáveres qualquer coisa que lhe sirva para se matar, uma caixa de fósforos, um copo de água da Companhia, etc., mas não encontra. Sai para a rua desorientado, berrando sempre:

Tem que ser!  
Quero morrer!

(Ao longe aparece um «Pronto-socorro» com grande barulho de campainhadas).

Enfim, ao longe já vejo  
O remédio que desejo!

(Pondo-se de joelhos no passeio:)

Oh! Obrigada, Senhor,  
Por êste grande favor!  
Lá vem o «Pronto-socorro»!  
Agora bem sei que morro!

(O «Pronto-socorro», a cem à hora, sobe acima do passeio e põe-no num bôlo).

Dr. KNOX.

## CARTAZ DE HOJE

Teatro Rivoli: A opereta fantasia, História do Fado.

S. João: Cinema sonoro — o filme austriaco, Noites de Viena.

Águia d'Ouro: Fantasia cómica, O Tio Sam na Corte do Rei Artur.

Trindade: Cinema sonoro — a super-produção cómica, A Milícia da Paz.

Olimpia: Cinema sonoro — o impagável filme, O Rei da Graxa.

Batalha: Cinema sonoro — o filme de aventuras, O Iceberg Vingador.



# CONCURSO PIM-PAM-PUM 2.ª SEMANA



Nome .....

Pontos .....

Morada .....

(Cortar por aqui)



Ora aqui teem os nossos amáveis concorrentes a barraca desta semana. Como vêm já foram a terra seis bonecos. De cada vez são maiores as probabilidades dos atiradores. Reduzido o número de bonecos e com quasi o mesmo número de bolas (8) mais fácil se torna a pontaria.

*Cada concorrente poderá mandar o número de barracas que entender, que será atribuído um número de pontos a cada uma delas e terão todas ingresso no concurso cada uma de per si.*

Os concorrentes que foram infelizes na primeira prova, poderão enfileirar ao lado dos que conseguiram 2 pontos, desde que façam nova remessa da barraca correspondente à primeira semana, em branco.

*Para evitar incómodos de colagem, que podem trazer também prejuízos de classificação, quando a cola não fôr forte, poderão os concorrentes em lugar de colar os pontos sobre os bonecos, marcá-los com uma circunferência a tinta de qualquer cor.*

O concorrente poderá ser o próprio fiscal do concurso, seguindo semanalmente a lista da classificação geral, publicada na nossa 2.ª página. E aquele que se julgar lezado nos pontos arbitrados, terá a bondade de fazer a sua reclamação, que será imediatamente atendida.

*É absolutamente necessário que os concorrentes enviem a 2.ª barraca com o nome ou o pseudônimo precisamente igual ao da semana anterior, caso contrário dará lugar a enganos que só contra elle reverterão.*

Resalvam-se os casos em que o concorrente não tiver obtido qualquer número de pontos, pois nesse caso melhor será encetar de novo o concurso aproveitando-se da facilidade que lhe dará a obtenção de 2 pontos certos com o envio da primeira barraca em branco.

*Ninguém deve desanimar por ter tido fraca pontaria. Aqueles que a sorte prolegue agora, poderão ser por ela abandonados na semana seguinte e vice-versa. O Sempre-em-Pé protege os fracos contra as grandes arremetidas dos fortes. O concurso do PIM-PAM-PUM pode chamar-se o concurso do carangueijo. Tanto se adianta e mo atrasa. E' uma questão de sorte. E' honesto e pode ser rendoso. 6.000\$00 Escudos de prémios, distribuídos com certeza.*

Dos restantes concorrentes não publicamos o nome, em virtude das suas barracas não terem direito a pontos. Apontamos as seguintes exclusões:

- 98 — Por não terem acertado em nada.
- 34 — Por terem acertado somente no Sempre-em-Pé.
- 53 — Por terem obtido 2 pontos e uma esbarradela no Sempre-em-Pé que os inutilizou.
- 112 — Por terem obtido 1 ponto e uma esbarradela.

São 399 concorrentes a quem aconselhamos sinceramente uma repetição da 1.ª barraca porque *teimar é vencer* como dizia o conspícuo Frei Tomas. E os prémios se Deus quiser hão de chegar para todos. No nosso próximo número daremos uma notícia de sensação aos nossos concorrentes acerca deste concurso, que, repetimos: **E' Honesto, sem subterfúgios interessante e sem congeminações.** Não desistam.